

Análise semiológica enunciativa de um registro do diário íntimo de Frida Kahlo

Claudia Stumpf Toldo*
Romeu Carletto**

Resumo

Este é um estudo que se propõe a analisar registros do diário íntimo que a pintora Frida Kahlo produziu nos últimos dez anos de sua vida. Para sua análise, apoiamo-nos na perspectiva enunciativa da linguagem, tendo como suporte o texto “Semiologia da língua” (1969), escrito pelo linguista da enunciação Émile Benveniste. Nesse texto o autor defende a ideia de que toda semiologia de sistema não linguístico recorre à língua para sua interpretação, já que essa “não pode existir senão na e pela semiologia da língua” (BENVENISTE, 1989, p. 61). A língua é o interpretante de todos os sistemas, os linguísticos e os não linguísticos. Este trabalho objetiva, portanto, através da análise do *corpus*, evidenciar que a língua é o único sistema capaz de interpretar a si mesmo e interpretar os demais sistemas de signos.

Palavras-chave: Frida Kahlo. Diário. Signo. Língua. Enunciação.

Primeiras palavras

Este texto traz uma reflexão sobre o papel da língua, enquanto sistema de signos, em relação a outros sistemas sógnicos, observando suas relações em registros selecionados do diário de Frida Kahlo, a pintora mexicana. Essas relações são tratadas na perspectiva da Teoria da Enunciação, mais especificamente em estudos de Émile Benveniste (1989), propostos no texto “Semiologia da língua” (1969). Questões como “Qual o lugar da língua entre os sistemas de signos” (BENVENISTE, 1989, p. 43) nos

* Professora de Língua Portuguesa da Universidade de Passo Fundo, atuando junto ao curso de Letras e ao Programa de Pós-Graduação – mestrado em Letras da mesma Universidade.

** Licenciado em Espanhol (UFPR), especialista em Metodologia e Ensino de Língua Espanhola (Vizivali) e mestre em Letras – Estudos Linguísticos (UPF). Professor de Língua Espanhola na Faculdade Vizinhança Vale do Iguaçu e no Colégio e Cursinho Aliança – Frontesul.

Data de submissão: mar. 2012 – Data de aceite: maio 2012

motivaram a perseguir uma resposta, tendo presente que quando lemos um texto com diferentes linguagens fazemos um movimento de leitura com e entre esses sistemas. Nesse texto de 1969, o linguista exalta o lugar especial e de destaque que a língua ocupa entre os sistemas semióticos pelo fato de poder interpretar os outros sistemas e também poder interpretar-se a si mesma. A relação estabelecida entre esses sistemas é a relação de interpretância e tem origem na faculdade metalinguística, que é a capacidade de criar um segundo nível de enunciação, alcançado pela significância da língua quando no discurso.

Algumas atitudes nos orientam a fazer este estudo: a) identificação dos dois modos de significação propostos por Benveniste (1989) – o semiótico, que deve ser reconhecido, e o semântico, que deve ser compreendido discursivamente; b) descrição dos elementos verbais e não verbais presentes no registro analisado; c) construção de uma análise enunciativa, em que o percurso adotado é fazê-la de maneira contextualizada, sendo que os níveis semiótico e semântico são analisados de maneira integrada, mostrando, enunciativamente, a descrição de outro sistema sótico que não a língua. Acreditamos que essa postura metodológica adotada proporciona uma descrição do sentido de um texto.

Frida Kahlo: a pintora que se representa na e pela linguagem

É de Frida Kahlo o registro que se torna, neste trabalho, motivação para responder à questão sobre o lugar da língua entre os sistemas de signos. Por que pinturas dessa artista mexicana? Pela sua peculiar e singular história como artista mulher que se representa na linguagem usada em suas pinturas. Eis algumas informações dessa menina-mulher mexicana que “se pinta” na própria obra.

Magdalena Carmen Frida Kahlo y Calderón nasceu em Coyoacán, então distrito da Cidade do México, na manhã do dia 6 de julho de 1907. Terceira das quatro filhas do fotógrafo Carl Wilhelm (Guillermo) Kahlo (1872-1941) e de Matilde Calderón y González (1876-1932).

Guillermo e Matilde constituíam uma família muito pobre, e o pai de Frida ganhava a vida fazendo fotografias. A situação começou a melhorar quando Guillermo foi contratado pelo governo mexicano para retratar e produzir um inventário fotográfico dos monumentos arquitetônicos pré-colombianos. “Guillermo Kahlo foi escolhido para o projeto graças a sua experiência” (KETTEN-MANN, 2006, p. 8). Com o advento da Revolução Mexicana, Guillermo perdeu o emprego e teve dificuldades para sustentar a família. Foi Matilde quem passou a sustentar a casa, vendendo seus móveis e objetos e alugando quartos da ampla

casa para solteiros de passagem. Matilde ocupou um espaço muito pequeno na vida afetiva de Frida. Era uma mulher dura, apagada, amargurada, justamente o oposto do representado por seu pai, um artista, frágil e irrealista.

Ainda na infância, quando estava com seis anos, Frida contraiu poliomielite, sendo essa a primeira enfermidade séria que afetou sua vida. A doença provocou uma lesão na perna direita, deixando-a muito magra e fina, e outra lesão no pé esquerdo, que ficou atrofiado. A partir disso, começou a usar calças, depois, longas e exóticas saias, que se tornaram uma de suas marcas registradas, mas que, no fundo, tinham um único e firme propósito: esconder as sequelas físicas que a poliomielite havia deixado. Nessa época, ficou conhecida na escola como “Frida perna de pau”, o que, sem dúvida, foi algo que a magoou profundamente (HERRERA, 2004). Com dificuldade para fazer amigos, passou a adolescência numa grande solidão. A falta de amigos reais aguçou a imaginação de Frida e ela começou a criar amigos imaginários. Foi nessa época que passou a conviver com a “Frida imaginária”, retratada no quadro de 1939, “*Las dos Fridas*”.¹ Tal tema é, por ela, retomado em 1950, quando, em seu diário, justifica a pintura desse que foi um dos quadros que acabou se tornando um dos mais famosos pintados por ela.

Após acabar a instrução primária no Colegio Alemán, que era a escola

alemã no México, em 1922 passou a frequentar a Escola Preparatória Nacional do Distrito Federal do México. Nessa escola, afloravam grupos denominados *pandillas*,² que se dedicavam aos mais diferentes interesses e atividades, como a história, a literatura, a filosofia e outros campos do saber. Frida juntou-se a um deles, os *cachuchas*,³ grupo que tinha intensa atividade de leitura e apoiava as ideias socialistas. No seio desse grupo, Frida ensaiou as primeiras obras da pintura, mas algo totalmente despretenso e que ela própria considerava como horríveis, por isso as destruiu. Também era integrante desse grupo Alejandro Gómez Arias, namorado de Frida.

Em 1923, Diego Rivera, já um reconhecido pintor, foi contratado pelo Ministério de Educação para produzir seu primeiro grande mural, *La creación*, no anfiteatro Bolívar, o auditório da Escola Preparatória, onde aconteceu o primeiro encontro entre Diego e Frida (HERRERA, 2004). Foi o encontro que mudou para sempre a história dos dois. Para a pintura desse mural, servia de inspiração a Diego uma modelo com quem ele tinha um caso. Os jovens *cachuchas*, por detrás das pilastras do auditório, gritaram o nome da esposa de Diego, Lupe Darín, com o único propósito de provocar o pintor.

Até setembro de 1925, não fazia parte dos planos de Frida dedicar-se às artes, inclusive chegou a cogitar a possibilidade de, juntamente com Alejandro, mudar-se para os Estados Unidos. Mas um grave

acidente de bonde, nesse mesmo ano, no qual ela sofreu múltiplas fraturas, a levou a várias cirurgias (trinta e cinco ao todo) e a deixou com lesões permanentes, principalmente na coluna. Foi nessa dolorosa convalescença que Frida começou a pintar freneticamente (HERRERA, 2004).

Em 1928 aconteceu o segundo encontro entre Frida e Diego. Ele pintava alguns afrescos e em uma dessas oportunidades foi procurado por Frida, que, ousadamente, queria mostrar-lhe algumas telas. De imediato Diego não a reconheceu, mas ao descer se deparou com uma jovem já com o corpo transformado em mulher e que em nada lembrava aquela menina franzina do episódio da Escola Preparatória. O contato entre ambos passou a ser mais constante e nesse mesmo ano Frida entrou para o Partido Comunista Mexicano, do qual Diego já era militante. O namoro não demorou a começar e, no ano seguinte, se casaram. Diego já havia vivido muito, tinha 42 anos, era pesado e grande. Havia sido casado duas vezes e era pai de quatro filhos. Frida, com metade da idade dele, tinha aspecto muito frágil. Impressionava a todos essa mistura, os extremos que se aproximavam: a figura pequena e retraída de Frida com a corpulência e aspecto gigante de Diego. Apesar das traições do marido, a maior dor de Frida foi a impossibilidade de ter filhos (embora tenha engravidado mais de uma vez, as sequelas do acidente a impossibilitaram de levar uma gestação

até o final), o que ficou claro em muitos dos seus quadros.

Na segunda metade da década de 1930, exposições com obras da pintora foram organizadas em Nova Iorque, nos Estados Unidos, e em Paris, França. Porém, a primeira exposição individual da obra de Frida em solo mexicano só aconteceu na primavera de 1953 e foi organizada por uma amiga fotógrafa, Lola Alvarez Bravo. Mesmo contrariando os médicos, Frida foi levada para a abertura da exposição, festejou junto aos convidados, bebendo e cantando, apesar da visível debilidade em que já se encontrava.

Alguns meses depois da exposição, já não aguentando as dores na perna direita, os médicos decidiram amputá-la até o joelho e implantaram uma perna artificial. As dores diminuíram e a prótese permitiu, cinco meses após a cirurgia, pequenas caminhadas. Porém, essa operação deixou Frida numa profunda depressão, inclusive com Diego Rivera afirmando que ela “tinha perdido a alegria de viver” (KETTENMANN, 2006, p. 84). Os meses que se seguiram foram marcados por oscilações de humor. A amputação da perna rendeu muitos registros no diário, inclusive um dos mais célebres, em que se vê um pé partido, sobreposto ao outro, com a inscrição “para que preciso de pés se tenho asas para voar”⁴ (KAHLO, 2008, p. 134, tradução nossa).

Afirmando “sentir que vou te deixar muito em breve” (KETTENMANN, 2006,

p. 84), na noite anterior à sua morte, Frida entregou ao marido um presente antecipado, pelas bodas de prata que comemorariam em agosto de 1954. Na noite de 12 para 13 de julho, sete dias após seu 47º aniversário e convalescendo de uma grave pneumonia, Frida morre na Casa Azul. À embolia pulmonar foi atribuída sua morte, mas alguns acreditam que ela possa ter tirado sua própria vida. No último registro encontramos: “espero alegre a partida... e espero nunca mais voltar... Frida”⁵ (KAHLO, 2008, p. 160, tradução nossa). Como não há data nesse registro, muitos acreditam na hipótese de suicídio, ao passo que outros dizem que essa passagem se refere à saída de Frida do hospital, fato que comemorou muito, justificando o registro “alegre saída” e “nunca mais voltar”. Satisfazendo a um desejo da artista, o corpo foi cremado. As cinzas foram depositadas em um vaso pré-colombiano e estão até hoje na Casa Azul, que foi transformada, um ano após a sua morte, em museu. Conservada praticamente em seu estado original, foi aberta oficialmente como Museu Frida Kahlo, em 12 de julho de 1958.

Gênero textual: um olhar sobre o diário de Frida Kahlo

Para que possamos proceder à análise de um registro do diário de Frida Kahlo, são necessárias algumas breves considerações acerca dos gêneros textuais, levando-se em conta que o diário se configura como um gênero textual. Nosso

ponto de partida aqui é o pressuposto defendido pelo filósofo russo Mikhail Bakhtin, que considerou que a comunicação se faz necessariamente por algum gênero e que as atividades humanas se interligam pelo uso da linguagem.

As condições específicas e finalidades de cada esfera se refletem nos enunciados e são marcadas pelo conteúdo do tema, pelo estilo de linguagem empregado, e, ainda, pela construção composicional. Essas esferas citadas por Bakhtin (2000) se referem, pois, a todas as possíveis atividades nas quais os seres humanos possam estar envolvidos, sejam elas no meio familiar, social, profissional, jurídico, religioso, militar. Qualquer uma dessas esferas está ligada à utilização da língua, que é o único meio que torna possível a comunicação verbal.

Algumas delas possuem maior, outras, menor proximidade com as atividades diárias dos indivíduos. Muitas atividades corriqueiras do dia a dia seriam impensadas sem as distintas formas de que dispomos para expressá-las. Como expressaríamos nossos sentimentos, ideias, sensações? Como seriam a feira, o espetáculo de teatro, a aula, um concerto? De fato, fica difícil imaginar, porque, em síntese, como afirma Marcuschi (2010, p. 22), “partimos do pressuposto básico de que é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum *gênero*, assim como é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum *texto*”, ou seja, de “que a comunicação verbal só é possível por algum *gênero textual*”. Os

gêneros textuais assumem, portanto, a responsabilidade, de modo concreto, da existência da língua. Sem contradizer a unidade de uma língua, consideramos que o caráter e os modos de utilização da língua são tão diversos como as próprias esferas da atividade humana.

Os gêneros textuais são atividades sociodiscursivas que devem ser entendidas de forma abrangente e dinâmica, implicando a realização da linguagem através de uma atividade de interlocução, por meio de algum código, em determinado tempo e espaço ocupado pelo homem, ou seja, a linguagem vista como uma ação, atividade e interação correlacionando as outras condições. Essas condições são a existência dos elementos indispensáveis num processo de comunicação, pois consideramos que nenhum ato de linguagem, seja a produção ou a recepção de texto, ocorre no vazio. Ao fazer seus registros num diário, a pintora Frida Kahlo expressa uma intencionalidade. Não são, portanto, fortuitas quaisquer que sejam as manifestações levadas a cabo; são feitas considerando um interlocutor, que pode ser outra pessoa ou o próprio sujeito que produziu esse texto.

Estamos habituados e familiarizados com a ideia de que os gêneros textuais são fenômenos de origem histórica, intimamente ligados à vida social e cultural. Marcuschi (2010) alerta para o fato de que os gêneros textuais não são entidades naturais (como são os elementos da natureza: animais, montanhas, árvores) que nos permitiriam atestar certas proprieda-

des que talvez facilitassem sua definição, mas certamente contribuem de maneira decisiva para estabilizar e normatizar as atividades comunicativas diárias. Uma das principais características é a maleabilidade que apresentam e a constante relação com atividades sociodiscursivas. Essas estão presentes, inclusive, nas inovações tecnológicas, fato que é comprovado quando comparamos a quantidade de gêneros hoje existentes a sociedades anteriores à comunicação escrita.

Esses novos gêneros nem sempre podem ser classificados como “inovações absolutas” (MARCUSCHI, 2010, p. 21), porque muitas vezes são apenas novas roupagens a antigos gêneros. Veja-se o caso da carta e do *e-mail*, ou ainda do diário e do *blog*, que são utilizações muito similares enquanto forma de comunicação, mas que nem por isso deixam de apresentar suas peculiaridades e de possuírem características próprias. A esse fenômeno, essa roupagem nova a um gênero antigo, Bakhtin (2000) chamou de “transmutação” de gêneros. Não podemos esquecer também daqueles gêneros que simplesmente vão desaparecendo. O romance de folhetim e a conversa da praça servem de exemplo.

Com os novos gêneros se recriam novos usos da linguagem e, de certa maneira, possibilitam a redefinição de relações entre oralidade e escrita. Reiteramos que os gêneros textuais não se definem por seus aspectos formais, antes se distinguem por seus aspectos sociocomunicativos e funcionais.

Um dos gêneros textuais praticamente tão antigo como a história da linguagem humana e que vem sofrendo uma “transmutação” (BAKHTIN, 2000) é o gênero diário. Para Carmen Pimentel (2011, p. 730), “o instinto autobiográfico é tão antigo quanto o ato de escrever, já que se constitui a partir de um dos atos de fala básicos que é a narração”. O ato de contar histórias está presente na vida do homem desde seus primórdios. O estudioso espanhol Villanueva (apud PIMENTEL, 2011) argumenta que narrando acontecimentos o homem explica seu passado e seu presente, aventura-se pelo futuro, justifica seus atos, é verdadeiro ou mentiroso, responsável ou não.

A origem do termo diário é a mesma do termo jornal e, segundo a pesquisadora norte-americana Cinthia Gannett (apud OLIVEIRA, 2002), o latim é a origem de ambos e significa dia ou diário, referindo-se à dia de trabalho, de viagem ou à entrada diária de informação. Jornal é derivado do francês antigo *journal*, que significa diário, que por sua vez deriva do latim *diurnal*, de/ou pertencente ao dia. Para Lejeune (2008), o termo nos diz, em primeiro lugar, que é uma escrita cotidiana. Os primeiros registros de uso dos termos datam da metade do século XIV e estão relacionados aos livros e serviços religiosos contendo as horas do dia. O caráter privado do diarismo⁶ modelou o conceito com o qual conhecemos hoje o gênero diário, mas Rosa Meire Carvalho Oliveira (2002) detectou em suas pesquisas que os diários

foram, no início, manifestações públicas e comunitárias, cujo objetivo consistia em narrar acontecimentos inerentes a um grupo social ou feitos históricos de determinados personagens de certas comunidades: diário de bordo, diário de guerra, diário de classe. Para Lejeune (2008), a intimidade no gênero, além de ter entrado apenas mais tarde, não passa de uma modalidade secundária e a implicação do adjetivo “íntimo” geralmente é justaposto apenas e tão somente para diferenciar-se da escrita cotidiana.

Os diários íntimos ganharam força e popularidade com a publicação dos diários de alguns escritores ingleses, no final do século XVIII e início do XIX, quando motivados pelos estudos de Freud sobre o consciente e o inconsciente. Os diários converteram-se em instrumentos de autorreflexão. Nessa época adquiriram uma conotação mais feminista, por serem, em sua maioria, produzidos por mulheres motivadas pelo surgimento do romantismo como movimento cultural.

Uma das definições usadas para especificar o conceito de gênero textual que é comum a muitos autores, a exemplo de Motta-Roth (2008), é a de que os gêneros textuais “são usos da linguagem associados a atividades sociais” e “essas ações discursivas são recorrentes e, por isso, têm algum grau de estabilidade na forma, no conteúdo e no estilo”. O diário se constitui em um gênero textual à medida que nele encontramos a linguagem escrita manifestada através da visão do

seu autor. Possui características próprias que o determinam como gênero, principalmente pela forma como é escrito, pois se trata do registro de relatos intimistas que têm a ver com os acontecimentos relacionados ao seu autor, que imprime o seu estilo, externando um conteúdo geralmente inacessível aos demais, o que caracteriza o diarismo como uma atividade da esfera privada.

Os diários são considerados registros íntimos, privados e, em alguns casos, inconfessáveis. Em raros casos, alguns autores escrevem seus diários com o objetivo de posterior publicação. De acordo com Sarah Lowe (2008, p. 25), o diário de Frida Kahlo “constitui a expressão mais íntima da artista” porque nunca teve a intenção de publicá-lo, e o considera “uma série de anotações de caráter estritamente pessoal realizadas por uma mulher”. A menina alemã Anne Frank iniciou os registros em seu diário meramente para satisfação pessoal, mas, após ouvir um membro do governo holandês na televisão falando que esperava reunir, terminada a guerra, relatos de testemunhos oculares desta, decide pela continuidade da escrita do seu diário com esse propósito, de posterior divulgação.

Oliveira (2002) chama a atenção para o fato de que não são todos os diaristas que têm a preocupação de escrever para um outro. Boa parte escreve para os próprios olhos, quando o diário funcionaria, então, como uma audiência implícita, num processo investigativo do eu. Funcionaria, dessa forma, como um alterego,

uma espécie de “duplo”, onde o escritor diria a si mesmo verdades inconfessáveis, optando por realizar um diálogo com ele mesmo, ao invés de estabelecer diálogos com outras pessoas. Para Blanchot (2005, p. 275), “o diário está ligado à estranha convicção de que podemos nos observar e que devemos nos conhecer”. O diário apresenta ainda a possibilidade de se resgatar em registros antigos as marcas e sensações de acontecimentos passados. Isso se dá pela ocorrência de outra característica desse gênero: o uso de datas nos registros.

A liberdade que o autor tem na sua produção e na expressão de sentimentos, emoções e pensamentos também caracteriza o diário, pois os textos produzidos são de caráter informal e íntimo, nos quais o sujeito reproduz experiências vividas e situadas em um tempo e lugar determinados. Os diários classificam-se ainda como um dos gêneros da literatura autobiográfica nos quais o autor registra vivências e sentimentos frente ao mundo que o cerca. É daí que provém seu caráter intimista e confidente. O diário apresenta-se como um testemunho do cotidiano, como no caso de Frida Kahlo, cujos registros não são necessariamente diários e geralmente são feitos através de narrações, de palavras soltas, de poemas, de colagens e de pequenos desenhos, podendo ainda apresentar descontinuidades. Ou seja, em alguns momentos o registro é constante e diário, noutros, esparsos e aleatórios. Em determinadas épocas, faz questão de registrar diaria-

mente suas impressões, enquanto em outras, passa longos períodos sem fazer nenhuma anotação. Através desses registros escritos e pictóricos a artista manifestou fatos, desejos e emoções, que puderam ser conhecidos e apreciados porque estavam reunidos sobre um determinado suporte: o caderno de capa vermelha e letras douradas, publicado, posteriormente, como o *Diário íntimo de Frida Kahlo*.

Enunciação: uma perspectiva de análise

Desde que Charles Bally e Albert Sechehaye juntaram as anotações dos cursos promovidos por Ferdinand de Saussure, os quais resultaram na publicação do *CLG* (*Curso de linguística geral*), os assuntos relacionados à linguística se desenvolveram de maneira expressiva e deram origem a outros estudos cada vez mais específicos. Para o professor Valdir do Nascimento Flores (2009), o *CLG* é responsável por alçar a disciplina linguística à condição de ciência em função, basicamente, pelo fato do *CLG* ter circunscrito um objeto e um método para a disciplina. Saussure, nos cursos que ministrou, optou pelo estudo da língua, primeiro aspecto da linguagem, definindo-o como objeto da linguística, porque, ao contrário da fala, que é uma manifestação individual, a língua é vista como um sistema, como norma para as manifestações da linguagem, e, portanto, pode ser estudada cientificamente.

No entendimento de Barbisan e Flores (2009, p. 10), “a língua é só uma parte da linguagem, é seu produto social, e, como tal, é compartilhada pela comunidade de fala por meio de um contrato que se estabelece entre seus membros”, ao contrário da fala, que é a utilização da língua. A língua é homogênea, enquanto a fala tem caráter livre. Assim, a fala não pode ser objeto da linguística, mas sim a língua, sendo a primeira subordinada à segunda. Para Barbisan e Flores (2009), há uma estreita relação entre língua e fala, e ainda que a língua possa ser estudada separadamente da fala, esta vem antes e merece a estruturação de uma linguística própria. Saussure não prioriza a língua nem a eleva em importância à fala, inclusive, para ele, “a fala é que faz evoluir a língua” (*CLG*, 1995, p. 27). Saussure apenas estabelece a primeira como objeto de estudo da linguística enquanto ciência. Defende a ideia de que a fala deve ser estudada e investigada, justamente pela proximidade que tem com a língua. O estudo da linguagem divide-se, assim, em duas partes: a que tem como objeto a língua e a que tem como objeto a fala.

De acordo com Flores et al. (2009), os estudos envolvendo a Teoria da Enunciação partem do princípio de que a definição de linguagem, sob os dois aspectos defendidos pela teoria saussuriana, língua e fala, foram ao longo do tempo muito produtivos, passando por transformações, reinterpretações e expansões, de maneira que os estudos

enunciativos se voltam para o objeto da linguística. Porém, segundo Flores e Teixeira (2008), isso não significa que haja uma identificação completa e, dentre os autores da enunciação, percebe-se um movimento de conservação e de alteração referente ao pensamento saussuriano.

O uso dos termos *teorias da enunciação* (no plural) ou *linguística da enunciação* (no singular), para Flores e Teixeira (2008), serve para esclarecer que há uma diversidade nos estudos que nos permite pensar em mais de uma teoria nesse campo, mas que todas têm traços comuns que referenciaríamos o uso do termo linguística da enunciação, por abarcar os estudos dessas teorias. Segundo Flores e Teixeira (2008), todas as teorias têm, em comum, três aspectos principais: a heterogeneidade do campo da enunciação, isto é, todas as teorias da enunciação remetem, para concordar ou discordar, a Saussure; todas estudam o sentido (por isso algumas chamam de semântica da enunciação); todas são descritivas (estudam o particular) e explicativas (estudam o universal), têm *corpus*, fazem análises, descrevem, dão sempre exemplos muito detalhados.

Assim, qualquer um dos teóricos da enunciação poderia embasar nosso estudo, porém optamos pelos estudos desenvolvidos por Émile Benveniste, por acreditar que esse autor consegue descrever de forma clara e produtiva aspectos comuns às teorias da enunciação e ainda prioriza em seus estudos a presença do homem na língua, além de

pontuar a importância do componente semiológico na cena enunciativa. Fator esse determinante, em se tratando de analisar um registro escrito e pictórico do diário íntimo de Frida Kahlo.

Benveniste, nascido Ezra Benveniste em 1902, em Alep, na Síria, naturaliza-se francês em 1924, quando passa a adotar o nome de Émile Benveniste. Foi aluno de Antonio Meillet (que fora aluno de Saussure), inclusive sucedendo-o no Collège de France, na disciplina de Gramática Comparada. Também foi professor na École Pratique des Hautes Études (FLORES et al., 2009). Escreveu entre os anos de 1930 e 1970 aproximadamente trezentos trabalhos, entre artigos e livros. Foi um gramático comparatista muito respeitado e talvez tenha sido mais conhecido no seu tempo pelos seus trabalhos no comparativismo do que como linguista. Dentre seus escritos, encontramos dezoito artigos escritos, durante mais de quarenta anos, que tratam sobre linguística. Esses artigos são publicados em dois momentos (dois volumes) sob o nome de *Problemas de linguística geral*, doravante denominados *PLG*. A publicação do *Problemas de linguística geral I* data de 1966 e do *Problemas de linguística geral II* de 1974.

Benveniste é considerado linguista da enunciação por ser o principal linguista da teoria que passou a ser conhecida como Teoria da Enunciação e, muito provavelmente, foi o primeiro que, baseado no quadro saussuriano, desenvolveu pesquisas e estudos de análise da língua com

sua especificidade voltada à enunciação (FLORES; TEIXEIRA, 2008, p. 29), levando-nos a crer, inclusive, que *forma e sentido* têm profunda relação com *língua e fala*. Benveniste registra que esse tema parece convir mais a um filósofo do que a ele, que, evidentemente, aborda o tema como linguista, entretanto, não de um ponto de vista comum à maioria, já que esse parece não existir. Segundo Benveniste (1989), o estudo do *sentido* foi considerado, durante muito tempo, como uma tarefa que escapava à competência do linguista. Hoje, embora essa visão não permaneça, persistem noções vagas e mesmo inconsistentes relacionadas ao que tradicionalmente se chama de *semântica*.

Retomando nossa motivação inicial – responder à pergunta sobre o papel da língua entre os sistemas sígnicos – debruçamo-nos, especificamente, sobre o texto de 1969 de Benveniste que traz a reflexão de que a condição única da língua entre os sistemas de signos é a sua condição de interpretante dos demais sistemas. A língua ocupa esse lugar especial porque é o único sistema que pode interpretar-se a si mesmo e ainda interpretar os demais. Esse pressuposto é defendido por Benveniste no artigo “Semiologia da língua” (1969) em *Problemas de linguística geral II*, de 1974/1995. Essa escolha se deu porque acreditamos que ele oferece condições de embasar a análise do *corpus* selecionado. Nesse artigo, Benveniste (1989) parte do conceito de semiótica defendido por Charles Pier-

ce e do conceito de semiótica esboçado no *CLG*, e faz um questionamento: qual é o lugar da língua entre os sistemas de signos? Estudos já mostraram que Pierce e Saussure trabalharam praticamente de forma simultânea, mesmo sem um ter conhecimento do outro, objetivando esse esclarecimento. Pierce trabalhou com a divisão dos signos em ícones, índices e símbolos, não tendo ele nenhum trabalho específico voltado à língua, à qual não dispensou atenção especial nem se interessou pelo seu funcionamento, até porque para ele o signo é a representação de algo que está no mundo e não de algo que se forja no discurso. Segundo Benveniste (1989), Pierce defendia a ideia de que a língua está em toda parte e em nenhum lugar, sendo reduzida às palavras, observadas como signos, mas não pertencentes ao domínio de uma categoria distinta.

Com referência à língua, Pierce não se preocupou em formular nada especificamente, pois essa se reduzia às palavras, que não deixam de ser signos, mas que “não são do domínio de uma categoria distinta ou mesmo de uma espécie constante” (BENVENISTE, 1989, p. 44), pertencendo, em grande parte, aos símbolos. Nessa construção semiológica, edificada por Pierce, faz-se necessária uma diferença entre signo e significado, evidenciando a necessidade de que todo signo seja “tomado e compreendido em um sistema de signos” (BENVENISTE, 1989, p. 45), resultando como condição da significância e que, ao contrário do

que pensava Pierce, todos os signos não podem funcionar identicamente, nem pertencer a um sistema único, sendo necessários outros sistemas de signos e entre eles a implicância de uma relação de diferença e de analogia.

No *CLG*, definiu-se como objeto da linguística o estudo da língua que vem em direção oposta à de Pierce, pois para Saussure “a reflexão procede da língua e toma a língua como objeto exclusivo” (BENVENISTE, 1989, p. 45), considerada por ela mesma e com três funções: descrever sincrônica e diacronicamente as línguas, depreender as leis gerais que operam essas línguas e delimitar-se e definir-se por si mesma. Benveniste tem suas ideias ligadas às do mestre genebrino, ainda que não seja deste um seguidor *stricto sensu*, pois teria mostrado que o sistema linguístico poderia levar em conta os fenômenos da enunciação sem deixar de ser um sistema, aceitando, dessa forma, a língua enquanto estrutura formal a ser analisada em diferentes níveis (merismas ou traços distintivos, fonemas, signos e frases). Com isso, leva em conta a natureza articulada da linguagem e o caráter discreto de seus elementos (CARBONI, 2008), ressaltando a singularidade da língua entre todos os objetos da ciência, pois a linguística é a única das ciências que consegue “delimitar-se e definir-se a si própria” (BENVENISTE, 1989, p. 46).

Essa condição determina o caráter peculiar que estabelece que uma linguística passe a ser possível conhecer-se, estabelecendo seu objeto. Quanto à preo-

cupação de definir o objeto da linguística, Saussure propôs a separação de língua e de linguagem, elencando alguns motivos que justificam tal opção. Leva em consideração de maneira decisiva que enquanto a linguagem é multiforme e heteróclita, não possibilitando sua classificação entre os fatos humanos e aferição de unidade, a língua ocupa o primeiro lugar entre os fatos da linguagem e permite um princípio de classificação. E é o princípio de unidade que ocupa em grande parte as preocupações e esforços de Saussure, pois a redução da linguagem à língua permite apresentar a língua como princípio de unidade e situá-la entre os fatos humanos (BENVENISTE, 1989, p. 47). São os princípios de unidade e de classificação que introduzem a semiologia nos estudos de Saussure, e ambos são necessários para fundar a linguística como ciência, afinal, não há ciência sem um objeto e que seja imprecisa quanto ao seu domínio.

A linguística faz parte de uma ciência maior que ainda não era clara e que deveria ocupar-se de outros sistemas integrantes e pertencentes também aos fatos humanos: a semiologia. Esta é uma ciência que estuda a vida dos signos no seio da vida social e dela faz parte qualquer signo que expresse alguma ideia ou que tenha algum sentido. Quanto à linguística, não é nada mais que uma parte dessa ciência maior, e o papel do linguista é definir o que faz da língua um sistema especial no conjunto dos fatos semiológicos (BENVENISTE, 1989, p. 48) e, se pela primeira vez a linguística pôde

ocupar um espaço entre as ciências, isso foi motivado pela sua relação com a semiologia.

Para Saussure, “o signo é antes de tudo uma noção linguística, que mais largamente se estende a certos ordens de fatos humanos e sociais” (BENVENISTE, 1989, p. 49). A língua é independente dos mecanismos fono-acústicos e consiste em um sistema de signos, no qual, de essencial, só existe a união do sentido e da imagem acústica. É justamente isso que difere a língua de outros sistemas, pois o signo linguístico é o único que consegue explicar-se por si próprio. Isso não acontece com nenhum outro sistema. Saussure atenta para a tarefa da ciência, que ele chamou de ciência futura, ou seja, a que se encarregasse de definir o próprio signo e as leis que o regem, e evidencia a relação da linguística com a semiologia, justificando tal ligação à arbitrariedade do signo (BENVENISTE, 1989). Essa é, para o autor, a questão primordial: o signo é arbitrário. Diferentemente do que acontece com outros signos, cujo uso se convencionou, o signo linguístico não obedece a uma hierarquia.

Com isso, Benveniste (1989) define signo como elemento de dupla articulação, cuja unidade (por pertencer ao todo que é a linguagem) é submetida (porque se limita à ordem da significação) a uma ordem semiótica. Nessa visão, Benveniste refere-se ao primeiro modo de significação correspondente ao nível intralinguístico, em que cada signo é distintivo e se organiza paradigmaticamente, com

valores opositivos e genéricos. Esse nível é chamado por Benveniste de *semiótico* e “não interessa a relação do signo com as coisas denotadas, nem da língua com o mundo” (FLORES; TEIXEIRA, 2008, p. 31). A atividade do locutor que coloca a língua em funcionamento é o segundo modo de significação, ao qual Benveniste chama de *semântico*.

Ao afirmar que o “papel do signo é o de representar, o de tomar o lugar de outra coisa evocando-a a título de substituto” (BENVENISTE, 1989, p. 51), o autor quer alertar para a necessidade de se implementar uma ciência que estude os signos, a semiologia, afinal, em muitas atividades do nosso dia a dia, e em muitas outras situações de nossa vida, recorremos ao uso de algum signo, que podem ser os de linguagem, de escrita, de cortesia, de trânsito, religiosos e monetários. Para Benveniste (1989, p. 52), “nossa vida está presa em redes de signos”. Isso significa dizer que a convenção que há em torno deles pode pôr em perigo a sua significação se algum deles for substituído, e o seu surgimento parece ocorrer em função de uma necessidade interna veiculada a uma necessidade de organização mental.

Qualquer sistema semiológico tem características peculiares identificadas através do seu *modo operativo*, que tem a ver com a operacionalização deste modo, ou seja, do seu funcionamento quanto ao sentido que pretende atingir, seja visual ou auditivo. É através do *tipo de funcionamento* que a relação

que afere união aos signos lhe garante distinção frente aos outros sistemas (BENVENISTE, 1989). Algumas dessas características podem sofrer variação numa situação peculiar, mas “a natureza dos signos não pode ser modificada senão temporariamente e por razões de oportunidade” (BENVENISTE, 1989, p. 53), de maneira que um sistema não pode ser substituído por outro sem alterar seu sentido ou sem recorrer a outro sistema que “explique” essa modificação.

Dessa forma, Benveniste (1989) apresenta um princípio relacionado às relações entre sistemas semióticos: o de não redundância entre os sistemas. Quer ele dizer com esse princípio que “não há ‘sinonímia’ entre sistemas semióticos” (p. 53). Sistemas diferentes não podem dizer a mesma coisa, pois cada um tem uma base diferente de significar. Sendo assim, dois sistemas semióticos diferentes não podem ser mutuamente conversíveis, não resultam numa mesma significação, ainda que tenham traços comuns. Para Benveniste, “a não-conversibilidade entre sistemas de base diferentes é a razão da não-redundância no universo dos sistemas de signos” (BENVENISTE, 1989, p. 54). Não há, portanto, sistemas distintos à disposição do homem que garantam a mesma relação de significação, ainda que algum signo possa ser comum a dois sistemas, sem, entretanto, apresentar sinonímia, já que cada um terá uma função distinta, “pois o valor de um signo se define somente no sistema

que o integra” (BENVENISTE, 1989, p. 54), não havendo, portanto, signo trans-sistemático.

Apesar dessa independência aparente, os sistemas de signos não são necessariamente sistemas fechados, e para que exista interdependência é preciso primeiramente “que a relação colocada entre sistemas semióticos seja ela própria de natureza semiótica” (BENVENISTE, 1989, p. 54), determinada pela ação comum em determinado meio cultural, que é responsável pela produção e sustentação dos sistemas que lhe são próprios. Ainda assim tem relação de natureza externa, pois não implica a necessária coerência entre sistemas. Há outra condição, a que determina se um sistema semiótico pode se autointerpretar ou se ele deve receber a interpretação de outro sistema. É o que Benveniste (1989, p. 54) chama de “relação semiótica entre sistema interpretante e sistema interpretado”. Esta relação permite posicionar os signos em signos da língua e signos da sociedade. Os da sociedade podem ser interpretados pelos signos da língua e jamais o inverso, sendo a língua, dessa maneira, “o interpretante da sociedade” (BENVENISTE, 1989, p. 55) e que garante à língua uma situação particular no sistema dos signos. Para Benveniste, essa situação da língua compõe a base de uma teoria semiológica.

Benveniste, nesse estudo de 1969, pontua que o centro da problemática é ocupado pela noção de unidade, e toda teoria que se propõe a ser reconhecida

como tal não pode, jamais, esquivar-se dessa questão, porque “todo sistema signifiante deve se definir por seu modo de significação” (BENVENISTE, 1989, p. 58), ou seja, reconhecer quais são as unidades usadas para produzir o sentido e especificar a natureza do sentido produzido. A unidade e o signo têm características distintas, pois um signo é sempre uma unidade, porém, uma unidade pode não ser um signo. Lembramos que a língua é feita de unidades, e as unidades da língua são signos.

Essa relação não é o que acontece com alguns dos outros sistemas semióticos. Nas artes, é a própria existência da unidade que serve para indagação, dada a dificuldade para definir sua natureza, pois, se tratarmos de cores, elas são designadas e não designam, é uma convenção que atribui sentido às cores e as suas variações. É o próprio artista que, ao utilizar determinada cor ou tonalidade, afere significação, criando uma semiótica própria e individual e nenhuma dessas cores ou nuances alcançadas encontra equivalência em algum signo linguístico. Faz-se necessário descobrir a cada vez os termos, ilimitados e imprevisíveis, reinventados a cada obra pelo artista, ao passo que a significância da língua é a significância mesma. Nenhuma semiologia de qualquer manifestação artística é expressa por sons, imagens, cores. Toda semiologia de sistema não linguístico recorre à língua para sua interpretação, essa “não pode existir senão na e pela semiologia da língua” (BENVENISTE, 1989, p. 61). A língua é o interpretante

de todos os sistemas, os linguísticos e os não linguísticos.

Há algumas relações entre os sistemas semióticos, e Benveniste, em “Semiologia da língua”, nos apresenta três, dentre as possíveis. A primeira é a *relação de engendramento*, em que um sistema pode engendrar outro, resultante daquele. A segunda relação é a *relação de homologia*, que estabelece uma relação em ter as partes de dois sistemas semióticos. Não é constatada, mas instaurada nas relações entre sistemas distintos. E a terceira é a *relação de interpretância*, instituída entre um sistema interpretante e um sistema interpretado. Esta é considerada por Benveniste uma relação fundamental à medida que os sistemas se dividem em sistemas que articulam (pois manifestam sua própria semiótica) e sistemas articulados (que dependem de outros sistemas para expressar sua própria semiótica). “A língua é o interpretante de todos os sistemas semióticos” (BENVENISTE, 1989, p. 62), pois nenhum outro sistema dispõe de uma “língua” que possa caracterizar e interpretar seu sistema, a não ser a própria língua, que tudo pode categorizar e interpretar, inclusive ela mesma. Eis a grande e fundamental peculiaridade da língua. Enquanto nenhum outro sistema tem essa possibilidade, a língua consegue explicar-se por si própria. É o único sistema que não necessita recorrer a outro sistema para explicar-se.

Mais que essa particularidade, a língua é a que mantém a sociedade unida. Os homens se unem e fundam

a sociedade em função da relação que entre eles é estabelecida através da língua. Só a língua possibilita essa inter-relação. Isso reforça a ideia defendida por Benveniste de que “para determinar as relações entre sistemas semióticos, estabelecemos que estas relações devem ser elas mesmas de natureza semiótica” (BENVENISTE, 1989, p. 63). A língua dispõe, seja na sua estrutura formal, seja no seu funcionamento, de um modelo de sistema semiótico que se manifesta pela enunciação (com referência a uma situação dada, na qual “falar” é “falar de”), que é constituída formalmente de unidades distintas (e cada uma dessas unidades é um signo), é produzida e recebida com o mesmo referencial pelos membros da sociedade e é a única possibilidade de comunicação intersubjetiva entre esses membros.

Com essas características se pode aferir que a língua é uma “organização semiótica por excelência” (BENVENISTE, 1989, p. 63) e dá a ideia de função de signo, sendo a única que oferece a partir dessa função uma fórmula exemplar. Por isso, ela é o único sistema que pode conferir a outros conjuntos o valor de sistemas significantes na sua relação de signo. Esses conjuntos de sistemas reproduzem os traços e os modos de ação determinados pela língua, considerada a grande matriz semiótica com base na sua função representativa, seu poder dinâmico e seu papel na vida de relações. Para Benveniste (1989), esse lugar especial atribuído à língua é uma consequência

e não uma causa, pois a significação da língua ocorre em função do que está nela, e nenhum outro sistema pode reproduzir, revestida que é de dupla significância, ou seja, nenhum outro sistema de signos pode trazer o princípio da metalinguística, interpretar-se a si mesmo e interpretar os demais.

São dois modos distintos chamados de *semiótico* e *semântico*. Ambos podem ser analisados separadamente, mas não se pode separá-los, em função da unidade que constituem. O primeiro deles, o *semiótico*, “designa o modo de significação que é próprio do signo linguístico e que o constitui como unidade” (BENVENISTE, 1989, p. 64). Permite ao signo ser reconhecido quanto à sua forma e servirá para afirmar sua própria significância em meio a outros signos, sendo idêntico a ele mesmo, cuja existência acontece quando passa a ser reconhecido como significante pelos membros de determinada comunidade linguística. Já o segundo ocorre pelo discurso e é decorrente do sentido que esse alcança, reconhecido na função da língua como produtora de mensagens. Não se pode pensar a mensagem como “uma sucessão de unidades que devem ser identificadas separadamente” (BENVENISTE, 1989, p. 65). Não é, pois, a soma de signos que produz sentido, o sentido é que é concebido globalmente e realizado na divisão de signos (as palavras).

Segundo Benveniste (1989), nessas duas ordens distintas, o semiótico (signo) deve ser *reconhecido* e o semântico (discurso) deve ser *compreendido*. “A diferen-

ça entre reconhecer e compreender envia a duas faculdades distintas do espírito: a de perceber a identidade entre o anterior e o atual, e a de perceber a significação de uma enunciação nova” (BENVENISTE, 1989, p. 66). Enquanto os outros sistemas têm significação unidimensional (semântico **ou** semiótico), a língua se apresenta como único sistema cuja significação é articulada em duas dimensões (semântico e semiótico). É a faculdade metalinguística a origem da relação de interpretância que a língua estabelece frente a outros sistemas, uma vez que é a única que se autoexplica justamente por ser formada pelas duas dimensões de significação (forma e sentido).

Ao definir língua como sistema de signos, Saussure estabeleceu o fundamento da semiologia linguística, ainda que devido à complexidade que a frase lhe apresentava, atribuiu essa à fala. E se o signo corresponde às unidades significantes da língua, não se pode atribuir a ele, unicamente, o funcionamento discursivo, pois “o signo é fechado” (BENVENISTE, 1989, p. 66) e não há transição entre frase e signo, tampouco se pode ignorar os dois domínios distintos que comportam a língua. Cada um deles requer um aparelho conceitual: o semiótico tem como base a teoria de signo de Saussure e o semântico deve ser reconhecido separadamente, necessitando de novos conceitos e definições. Para Toldo (2010), Benveniste recupera a definição de língua de Saussure como sendo um sistema de signos que indicam ideias, comparável, portanto, à escrita, ao alfabeto dos surdos-mudos, aos ritos

simbólicos, às formas de polidez, aos sinais militares, entre outros sistemas, sendo a língua o principal entre todos os sistemas, e não o único. Ainda de acordo com Toldo (2010), a língua ocupa um espaço particular no universo dos signos e os signos da sociedade podem ser interpretados pelos signos da língua, não o inverso, sendo a língua o interpretante da sociedade porque funciona dentro dela.

Benveniste considera, portanto, necessário “ultrapassar a noção saussuriana do signo como princípio único” (BENVENISTE, 1989, p. 67), já que a ele se atribuíam a estrutura e o funcionamento da língua. Esse processo decorre da análise translinguística dos textos, através da elaboração de uma metassêmica, e da análise intralinguística, com nova possibilidade de significância (a do discurso). A que está ligada ao discurso é a semântica e a que está ligada ao signo, a semiótica.

Sobre a particular capacidade metalinguística da língua, que é interpretar-se a si mesma e também interpretar os outros sistemas, e, ainda mais, ser o único sistema a conseguir essas duas possibilidades de significância, é que apresentamos, a seguir, um registro do diário de Frida Kahlo cuja análise se baseia na possibilidade de ser interpretado semiologicamente e semanticamente e, por isso, enunciativamente.

Análise: um olhar enunciativo ao registro de Frida Kahlo

Apresentamos uma proposta de análise de um dos registros do diário íntimo de Frida Kahlo, cujo percurso textual obedece ao que segue: a) descrição dos elementos visuais do registro; b) descrição dos elementos textuais do registro; c) análise enunciativa do registro, que compreende analisar o registro por um percurso semiótico e semântico, de maneira integrada e contextualizada, com base na Teoria da Enunciação e, especificamente, nos conceitos apresentados por Benveniste no artigo “Semiologia da língua” (1969).



Fonte: Kahlo (2008).

Figura 1 - *El diário de Frida Kahlo – um íntimo autorretrato*, 2008

Esse registro apresenta um pé sobreposto ao outro, ambos sobre uma espécie de pedestal. O pé que aparece embaixo é o esquerdo e não apresenta a perna correspondente, a parte visível é de sua metade para frente. Sobre essa metade se projeta o pé direito, que apresenta a extensão da perna que chega até ao joelho. Porém, percebe-se uma divisão, uma rachadura que separa bruscamente o pé da perna. Do alto de sua extremidade, saem riscos que lembram as artérias e veias, mas essas são representadas por ramas espinhosas. Dos registros pictóricos do diário, esse desenho é, provavelmente, um dos que têm os traços mais aprimorados e mais bem acabados. O fundo é pintado na cor vermelha, e o desenho dos pés pintado na cor amarela. Nenhuma das duas cores apresenta vivacidade, ambas são de um tom apagado e não há uniformidade na cobertura da folha pelas cores, percebendo-se falhas esbranquiçadas. Abaixo do desenho, a frase “Pies para qué los quiero si tengo alas pa’volar” e o ano, 1953. Na nossa tradução, “pés para que os quero se tenho asas para voar”.

Trazemos para a leitura e a análise deste registro conceitos singulares presentes na reflexão teórica apresentada no artigo “Semiologia da língua”, de 1969, de Benveniste. Esse texto de 1969 é de especial interesse para nós, na medida em que Benveniste afirma que a língua é importante porque é ela, e somente ela, que torna possível a sociedade. Não é possível conceber uma

sociedade sem língua, pois é a língua que mantém juntos os homens. A língua “é o fundamento de todas as relações que por seu turno fundamentam a sociedade”, pois “é a língua que contém a sociedade” (BENVENISTE, 1989, p. 63).

Iniciamos esta análise com a ideia defendida por Lejeune (2008, p. 299) de que “nenhum leitor externo poderá fazer a mesma leitura que o autor, embora leia justamente para conhecer sua intimidade”. Essa ideia é compartilhada por Roland Barthes (1988), quando cita, dentre os motivos pelos quais alguém poderia escrever um diário íntimo, que o autor poderia ter se constituído em objeto de desejo, ou seja, alguém que nos interesse, que “possamos gostar de conhecer a intimidade, a distribuição do seu tempo, dos seus gostos, dos seus humores, dos seus escrúpulos” (BARTHES, 1988, p. 361).

A intencionalidade com a qual Frida efetuou os registros em seu diário só pode (poderia) ser conhecida por ela mesma, porém os fatos conhecidos e relacionados à vida da artista e algumas marcas (como datas, nomes e escritas) por ela deixadas nos registros permitem-nos fazer uma tentativa de descrição enunciativa do registro ora selecionado para este trabalho. Lejeune (2008) considera os diários iguais a câmaras escuras, às quais se chega vindo de um exterior iluminado, e, ao se permanecer nesse ambiente por um tempo considerável, gradativamente, os contornos e as silhuetas vão sendo

revelados e vamos familiarizando-nos com o que encontramos. Ou seja, ao nos depararmos com um diário, se não conhecemos o contexto no qual ele foi produzido, pode nos parecer um ambiente totalmente estranho, mas as informações que vamos colhendo e as leituras que vamos fazendo permitem que esse universo nos seja conhecido e, então, a partir dessas informações, analisá-lo.

Frida fez o registro em análise quando os médicos decidiram amputar-lhe a perna direita até o joelho. Quando, na sua infância, Frida contraiu poliomielite, foi essa mesma perna que apresentou as sequelas da enfermidade e ficou mais fina do que a esquerda, fato que a levou a preferir usar calças a saias. Ao longo dos anos e devido às inúmeras complicações resultantes da má circulação sanguínea, o pé direito desenvolveu gangrenas.

Quando os médicos apresentaram a decisão à Frida, ela recorreu ao diário e nele fez esse registro como um desabafo. Percebe-se que o que Frida faz é dialogar com o diário, ao desenhar e escrever nele, e essa dualidade enriquece a troca de significados mantendo as características do gênero, inclusive datando-o. O uso da data é, para Lejeune (2008), uma das principais características do gênero diário, é a sua base, e é pouco usado nos registros feitos por Frida, mas nesse, em especial, ela usa o ano, e o uso deste dêitico cronológico possivelmente sirva para dar destaque ao fato vivido por ela. A escrita manuscrita e outras informações (como a data) encontradas no diário

são consideradas por Lejeune (2008, p. 260) como “vestígios”, e o “vestígio” data não quer referir-se à passagem do tempo, mas fixá-lo em um momento-origem. Esse momento, para Frida, traz a notícia de que teria sua perna amputada, e o ano tem a função de informar o tempo desse dado. Sabemos, pelas reflexões de Benveniste em seus estudos no decorrer do PLG I e em PLG II, que a duração desse tempo, no homem, é infinitamente variável porque apenas o indivíduo tem condições de medir, já que está diretamente ligado ao “grau de suas emoções e o ritmo de sua vida interior”, sendo, dessa forma, único e interior a cada indivíduo (BENVENISTE, 1989, p. 71).

Benveniste (1989, p. 74) nos alerta para o fato de que “uma coisa é situar o acontecimento no tempo crônico” que, nesse caso, é o ano de 1953, e “outra coisa é inseri-lo no tempo da língua”, pois é pela língua que a experiência humana se manifesta no tempo, esse *tempo linguístico*, cuja singularidade está no “fato de estar organicamente ligado ao exercício da fala, o fato de se definir e de se organizar como função do discurso”. O centro deste tempo é o presente da instância da fala. Benveniste esclarece que, quando o locutor emprega este tempo presente, e aqui trazemos para nossa análise, ou seja, quando Frida Kahlo usa o verbo “querer” atualizado no presente (*quiero* = quero), ela automaticamente situa o acontecimento, a amputação de parte de sua perna, como um acontecimento contemporâneo da

instância de discurso. Este presente é reinventado sempre e em cada situação de uso da língua, que atualiza o discurso e ordena o tempo a partir de um eixo. Este eixo “é sempre e somente a instância de discurso” (BENVENISTE, 1989, p. 75), que, por sua vez, é sempre nova, atualizada pelo locutor.

Nesse registro, Frida usa os dois sistemas, visual e verbal, simultaneamente. É o que Benveniste (1989) chama de segundo modo de significação, ou seja, o modo semântico (quando a língua é colocada em funcionamento), que nos permite, a partir da língua, interpretar ela mesma (sistema verbal presente no registro) e interpretar outros sistemas (nesse caso, o sistema não verbal, pintura), ou seja, é a relação semiótica entre sistema interpretante e sistema interpretado. Para Benveniste (1989), todo sistema sígnico tem um sistema semiótico, uma vez que todo e qualquer sistema de signos traz a possibilidade de significância. Entretanto, apenas a língua tem a possibilidade de interpretar linguisticamente esses sistemas, pois é a língua o único sistema semântico que possibilita a atualização do semiótico e, por isso, a construção dos sentidos é irrepetível. Para interpretar o registro verbal “Pies para qué los quiero si tengo alas pa’volar”, podemos usar a faculdade metalinguística da língua, ou seja, a língua é o único sistema que pode autointerpretar-se. Segundo a gramática de língua espanhola, o “que” é considerado pronome relativo e quando a ele é

acrescentado o acento, assume função de pronome interrogativo indireto ou pronome exclamativo indireto. No registro que estamos analisando, Frida acentua o pronome relativo “qué”, aferindo, dessa forma, caráter de pronome interrogativo indireto ou pronome exclamativo indireto a ele. Assim, podemos entender a frase “*Pies para qué los quiero si tengo alas pa’volar*” como uma interrogação que Frida faz ao seu interlocutor. Muito provavelmente estivesse fazendo o questionamento a ela mesma, pois, para Lejeune (2008, p. 261), é “para si que se escreve um diário”. Ou estivesse perguntando às demais pessoas, como se buscasse a resposta que a conformasse por mais essa perda. Ou, ainda, analisando pelo viés exclamativo, quisesse Frida afirmar, também a ela ou às demais pessoas, que a amputação não lhe tiraria nem diminuiria a sua capacidade artística.

Segundo Lejeune (2008, p. 263), os diários funcionam também como “campo de defesa” que auxiliam o diarista a resistir. Frida Kahlo aprendeu muito jovem o sentido do verbo da língua espanhola *aguantar*, que quer dizer suportar a dor. Os registros no diário, em especial este feito em referência à amputação da perna, também funcionam como suporte para que a artista possa aguentar, suportar mais essa dor. Registrar no diário pode representar busca por coragem e apoio.

O diário é, também, um espaço de liberdade, no qual o diarista “se sente

autorizado a manejar a língua como quiser” (LEJEUNE, 2008, p. 264). Frida, além de manejar a língua, aliava-a aos desenhos e pinturas, convertendo seu diário num ponto de encontro de parte de sua híbrida produção. Frida se instaurava e se enunciava como sujeito nos registros do seu diário, o que, para Benveniste, é possível porque “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito” (BENVENISTE, 1995, p. 286). Essa capacidade do locutor instaura o que Benveniste (1995) chama de subjetividade, ou seja, a capacidade do sujeito instaurar-se como *eu*, e, ao fazê-lo, ao empregar este *eu*, o faz para um *tu*. Frida instaura-se como *eu*, pois ela maneja, faz uso da língua, e assim se marca como *eu* falando para um *tu*. Nesse caso, converte seu diário no *tu*, que é com quem estabelece o diálogo. O *tu* (diário) é instaurado nessa instância de discurso. Podemos pensar ainda na relação do *ele*, ou seja, da “não pessoa”, pois o *ele* representa de fato “o membro não marcado na correlação de pessoa” (BENVENISTE, 1995, p. 282). O *eu* é quem fala para um *tu*, enquanto o *ele* é de quem se fala. Nesse registro, o *ele* pode ser a perna amputada de Frida, é “dela” que Frida “fala” no registro.

O registro visual apresenta os pés (o que permanecerá com ela e o que lhe será amputado) e a perna direita até a altura do joelho, o pedestal que serve de suporte e as veias que saem da altura do corte, em forma de ramas espinhosas e que podem lembrar, ainda, arame farpado.

O sentido desse registro é definido pelo verbal, ou seja, o verbal define o valor semântico do não verbal, demonstrando mais uma vez que é apenas pela língua que podemos interpretar outro sistema de signos não linguísticos. Temos aqui dois modos distintos de significação que podem ser analisados separadamente, mas que não podem ser separados. O semiótico “designa o modo de significação que é o próprio signo linguístico e que o constitui como unidade” (BENVENISTE, 1989, p. 64) e permite ao signo ser reconhecido quanto à sua forma. A imagem semiótica dos pés representa a condição de nos mantermos, com eles – os pés, em pé e a capacidade que temos de nos locomover, usando-os. Essa representação nos ajuda a construir esse sentido através da enunciação, já que ela nos possibilita reconhecer uma mesma forma da língua em diferentes discursos, mas com sentido(s) único(s) definido(s) em cada enunciação. Frida precisava dos dois pés para manter-se em pé, em equilíbrio. Essa significação alcançada pelo signo “pés” serve para afirmar sua própria significância em meio a outros signos, cuja existência, para Benveniste (1989), acontece quando o signo passa a ser reconhecido como significante pelos membros de determinada comunidade linguística. Já as asas possuem um sentido semiótico e outro sentido semântico. O sentido semiótico é representado pela capacidade que as asas conferem aos animais que as têm, levando-os a todos os lugares e servindo de meio de locomoção,

como os pés são para os bípedes. Frida, inclusive, nesse registro, desenhou os dois pés como se fosse um par de asas.

Quanto à significação para o modo semântico, Benveniste (1989) afirma que essa ocorre pelo discurso e é decorrente do sentido que o discurso alcança, reconhecido na função da língua como produtora de mensagens. Portanto, o sentido semântico de asas, nesse registro feito por Frida no seu diário, representaria as condições de se fazer determinadas atividades que não ficam impossibilitadas com a perda de parte da perna, por exemplo, pintar. O sentido semântico que asas adquirem é uma manifestação de que a perda de um dos pés não pôde retirar-lhe a capacidade criativa, já que, historicamente, as asas são símbolo de liberdade, e a imaginação e a paixão são o que permitem a qualquer pessoa “voar”. É a enunciação que nos permite construir esse sentido semântico. É essa relação (semiótico-semântico) na linguagem da enunciação que possibilita que alcancemos essa significação. As asas da imaginação permitem visitar e habitar mundos distintos. Frida habitava um mundo cujo meio de acesso era a imaginação, a sua criatividade. O semântico, portanto, deve ser compreendido, ao passo que o semiótico deve ser reconhecido. Isso significa dizer que esses dois modos de significar da língua são reconhecidos e entendidos a partir da enunciação que se recorta para observar, neste caso, do olho do analista.

Ter asas pode, ainda, significar otimismo diante das adversidades e dificuldades físicas que a amputação impunha à artista, representando uma particular forma de interpretar esse momento. Já haviam sido tantos os momentos de dor e de perda que esse poderia representar um maior desenvolvimento de sua capacidade criativa. As asas poderiam levar a artista a abandonar aquele corpo que causava dor e angústia.

Os médicos não lhe deram escolha, mas o registro nos leva a acreditar que, se a Frida fosse dada a possibilidade de escolher entre a integridade física (os pés) e a sua capacidade imaginativa (as asas), a escolha já teria sido feita: preferia manter a criatividade e a possibilidade de manter-se viva através da pintura. A amputação possivelmente lhe amenizou a dor e tornou o sofrimento suportável e não determinou a cessação de suas atividades ligadas à pintura e às artes. As asas imaginárias lhe permitiriam sobreviver. Pode-se também pensar novamente na instauração da subjetividade apresentada por Benveniste. Nesse registro, Frida “fala” da amputação de parte de sua perna. Isso evidencia a não mais pertença dos pés que se caracteriza como a não pessoa, é o “ele”, é de quem Frida “fala”. E, à medida que Frida pinta seus pés, ela se marca como locutor (o *eu*) e instaura um *tu* (agora o diário), para quem “fala” sobre sua perna (a não pessoa), ou melhor, sobre a não mais presença física de sua perna. O diário, por ser íntimo, revela uma subjetividade sofrida e doída

da Frida, sensível e triste, convocando o *tu* (agora o leitor) para viver com ela, a Frida, e partilhar esse momento de sofrimento. Temos aqui as categorias da enunciação, constituindo o registro analisado. Ora o *eu* se apresenta num locutor, ora em outro. Por exemplo: ora Frida é o *eu* do discurso, pois “fala” a um *tu* que é seu diário íntimo; ora o *eu* diário expressa sentimentos a um *tu* – o leitor do diário – de um *ele* – a Frida – que é falado no uso dos diferentes sistemas sógnicos que compõem o todo do registro. Cada um desses locutores se propõe alternadamente como sujeito do discurso, convertendo a língua em língua-discurso, num dado tempo único e irrepetível.

Considerações finais

As interpretações que aqui apresentamos são possíveis com base no que Benveniste (1989) chama de relação semiótica entre os sistemas (o interpretante e o interpretado). É essa relação que permite que posicionemos os signos em signos da língua e signos da sociedade. O que fizemos neste trabalho foi interpretar os signos da sociedade através dos signos da língua, porque essa relação é possível, já que os signos da língua são o interpretante dos signos da sociedade, e jamais o inverso. É o que, segundo Benveniste (1989), afere à língua essa situação particular entre os sistemas de signos, porque enquanto todos os sistemas têm significação unidimensional (semântico **ou** semiótico), a língua

se apresenta como o único sistema em que a significação é articulada em duas dimensões (semântico e semiótico). Ou seja, isso só é possível porque podemos falar, dizer, descrever, caracterizar – pela língua – o que se pode falar, dizer, descrever, caracterizar no registro de Frida Kahlo. Essa capacidade de dizer algo sobre, que apenas é peculiar à língua, de produzir um discurso sobre, traz a reflexão de Benveniste (1989) sobre a ultrapassagem na reflexão saussuriana a respeito do funcionamento da língua. Isso se dá em duas vias: uma intralinguística, que nada mais é do que a dimensão da significância do discurso, e uma translinguística, que se destina à construção de uma metassemântica da enunciação.

A metassemântica a que se refere Benveniste nesse ímpar artigo de 1969 é a capacidade da língua de produzir um discurso sobre algo. Ele, Benveniste, classifica como uma semiologia de segunda geração, também vista como um desdobramento da ultrapassagem do signo como princípio único e último e a possibilidade de um estudo sobre as relações que se estabelecem entre sistemas semiológicos. Quando Benveniste estabeleceu a língua com dois modos de significância (um no sistema e outro no uso), acabou por fundar as bases dessa que será a semiologia de segunda geração: a metassemântica.

Consideramos esse tema bastante complexo e acreditamos que é algo a ser pensado e desenvolvido em estudos

futuros, pensando, inclusive, na possibilidade de se fazer uma interpretação enunciativa de palavras e/ou em imagens que constituem textos diversos.

*Semiological analysis of the
enunciation of a record diary
of Frida Kahlo*

Abstract

This is a study which has the purpose to analyze the personal diary records that the Mexican artist Frida Kahlo produced in the last ten year of her life. For its analysis, we rely on the enunciative perspective of language, supported by the Semiology of Language (1969), by the linguist *Émile Benveniste*. In this text, the author defends the idea that all semiology of non-linguist system uses the language to its interpretation, since it 'cannot exist except in and by the semiology of language' (Benveniste, 1989, p.61). The language is the interpreter of all systems, the linguistic and nonlinguistic. This paper aims, therefore, by analyzing the corpus, to show that language is the only system capable of interpreting itself and the other sign systems.

Key words: Frida Kahlo. Diary. Sign. Language. Enunciation.

Notas

¹ Nesse quadro, Frida retrata duas irmãs siamesas sentadas lado a lado, de mãos dadas e com os corações aparentes e unidos pela mesma artéria.

² *Pandilla* era o nome pelo qual os alunos se organizavam em grupos para debater sobre esportes, literatura, artes, filosofia, política etc.

- ³ O grupo levava esse nome – *cachuchas* – por ser derivado do modelo dos bonés usados por seus membros.
- ⁴ Pies para que los quiero si tengo alas pa'volar (KAHLO, 2008, p. 134).
- ⁵ Espero alegre la partida y espero no volver jamás... FRIDA (KAHLO, 2008, p. 160).
- ⁶ Diarismo é um termo usado nos estudos do gênero diário e também será adotado aqui. Refere-se aos relatos diários relacionados à determinada pessoa, situação, comunidade.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BARBISAN, Leci Borges; FLORES, Valdir do Nascimento. Sobre Saussure, Benveniste e outras histórias da linguística. In: NORMAND, Claudine. *Convite à linguística*. São Paulo: Contexto, 2009.
- BARTHES, Roland. Deliberação. In: _____. *O rumor da língua*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- _____. Porque gosto de Benveniste. In: _____. *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BATISTA, Patrícia Pereira. *Do diário ao blog confessional*: continuidade ou surgimento de uma nova prática? Disponível em: <http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_11ex/07_PatriciaBATISTA_IISeminarioPPGCOM.pdf>. Acesso em: 22 maio 2011.
- BENVENISTE, Émile. Da subjetividade na linguagem. In: _____. *Problemas de linguística geral I*. Campinas: Pontes, 1995.
- _____. Os níveis de análise linguística. In: _____. *Problemas de linguística geral I*. Campinas: Pontes, 1995.
- _____. A forma e o sentido na linguagem. In: _____. *Problemas de linguística geral II*. Campinas: Pontes, 1989.
- _____. A linguagem e a experiência humana. In: _____. *Problemas de linguística geral II*. Campinas: Pontes, 1989.
- _____. O aparelho formal da enunciação. In: _____. *Problemas de linguística geral II*. Campinas: Pontes, 1989.
- _____. Semiologia da língua. In: _____. *Problemas de linguística geral II*. Campinas: Pontes, 1989.
- BLANCHOT, Maurice. O diário íntimo e a narrativa. In: *O livro por vir*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CARBONI, Florence. *Introdução à linguística*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- FLORES, Valdir do Nascimento. Princípios para a definição do objeto da linguística da enunciação: uma introdução (primeira parte). *Letras de Hoje*, Porto Alegre: Edpucrs, v. 36, n. 4, p. 7-65, dez. 2001.
- _____. O linguista e a linguística do CLG. *Nonada*, Letras em Revista, Porto Alegre, v. 1, n. 12, p. 28-41, 2009. Disponível em: <<http://seer.uniritter.edu.br/index.php/nonada/article/%20viewFile/83/72>>. Acesso em: 14 jun. 2011.
- FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. *Introdução à linguística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2008.
- FLORES, Valdir do Nascimento; KUHN, Tana Zingano. Enunciação e ensino: a prática de análise linguística na sala de aula a favor do desenvolvimento da competência discursiva. *Letras de Hoje*, Porto Alegre: Edpucrs, v. 43, n. 1, p. 69-76, jan./mar. 2008.
- FLORES, Valdir do Nascimento et al. (Org.). *Dicionário de linguística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2009.
- FUENTES, Carlos. Introducción. In: KAHLO, Frida. *El diario de Frida Kahlo*: un íntimo autorretrato. 2. ed. México: La Vaca Independiente, 2008. p. 7-24.

HERRERA, Hayden. *Frida: una biografía de Frida Kahlo*. México: Diana, 2004.

JAMIS, Rauda. *Frida Kahlo*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

KAHLO, Frida. *El diario de Frida Kahlo: un íntimo autorretrato*. 2. ed. México: La Vaca Independiente, 2008.

KETTENMANN, Andrea. *Frida Kahlo 1907-1954 Dor e Paixão*. Köln: Taschen, 2006.

LE CLÉZIO, Jean-Marie Gustave. *Diego e Frida*. Rio de Janeiro: Record, 2010.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2008.

LOWE, Sarah M. Ensayo. In: KAHLO, Frida. *El diario de Frida Kahlo: un íntimo autorretrato*. 2. ed. México: La Vaca Independiente, 2008. p. 25-30.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P. et al. (Org.). *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2010. p. 19-38.

MOTTA-ROTH, Désirée. Análise crítica de gêneros: contribuições para o ensino e a pesquisa de linguagem. São Paulo: *DELTA*, v. 24 n. 2, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44502008000200007&script=sci_arttext>. Acesso em: 19 maio 2011.

NORMAND, Claudine. *Convite à linguística*. São Paulo: Contexto, 2009.

OLIVEIRA, Rosa Meire Carvalho de. *Diários Públicos, Mundos Privados: o diário íntimo como gênero discursivo e suas transformações na contemporaneidade*. 2002. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporânea)-Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/oliveira-rosa-meire-diarios-publicos-mundos-privados.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2011.

_____. *Diários íntimos na era digital: diários públicos, mundos privados*. Disponível em: <<http://www.sebantropologiacom.blogspot.com/2008/02/diarios-ntimos-na-era-digitaldiarios.html>>. Acesso em: 20 maio 2011.

ORSINI, Marco et al. Frida Kahlo: a arte como desafio à deficiência e à dor, com enfoque na poliomielite anterior aguda. *Revista Brasileira de Neurologia*, v. 44, n. 3, jul./set. 2008.

PIMENTEL, Carmen. *A escrita íntima na internet: do diário ao blog pessoal*. Disponível em: <http://www.abralin.org/abralin11_cdrom/artigos/Carmen_Pimentel.PDF>. Acesso em: 20 maio 2011.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1995.

TEIXEIRA, Marlene; FLORES, Valdir. Linguística da enunciação: uma entrevista com Marlene Teixeira e Valdir Flores. *Revel*, v. 9, n. 16, 2011. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/site2007/_pdf/20/entrevistas/revel_16_entrevista.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2011.

TOLDO, Claudia. O que significa pensar o trabalho do texto em sala de aula a partir de uma concepção enunciativa de língua? *Cadernos de Pesquisas em Linguística*, Porto Alegre, v. 5, n. 1, nov. 2010.

_____. A linguística da enunciação e o trabalho com o texto em aulas de língua portuguesa. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DO DISCURSO – ALED, 9, 2011, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: UFMG, 2011. 1 CD-ROM.